

PAUL AUSTER

Sunset Park

Tradução

Rubens Figueiredo



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2010 by Paul Auster

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Sunset Park

Capa

João Baptista da Costa Aguiar

Preparação

Ana Cecília Águas de Mello

Revisão

Isabel Jorge Cury

Mariana Zanini

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Auster, Paul, 1947
Sunset Park / Paul Auster ; tradução Rubens Figueiredo. — 1. ed.
— São Paulo : Companhia das Letras, 2012.

Título original: Sunset Park.

ISBN 978-85-359-2070-3

1. Ficção norte-americano I. Título.

12-01999

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americano 813

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

MILES HELLER

1.

Já faz quase um ano que ele tira fotografias de coisas abandonadas. No mínimo, tem duas tarefas a cumprir todos os dias, às vezes elas chegam a seis ou sete, e, toda vez que ele e seu séquito entram numa casa, confrontam-se com as coisas, as inumeráveis coisas rejeitadas, deixadas para trás pelas famílias que se foram. As pessoas ausentes partiram às pressas, todas elas, envergonhadas, confusas, e é certo que, onde quer que estejam morando agora (caso tenham encontrado um lugar para morar e não estejam acampadas no meio da rua), suas novas moradias são menores do que as casas que perderam. Cada casa é uma história de fracasso — de falência ou de inadimplência, de dívida e de execução de hipoteca — e ele assumiu a missão de documentar os últimos vestígios daquelas vidas desfeitas a fim de provar que as famílias desaparecidas estiveram ali algum dia, que os fantasmas de pessoas que ele nunca vai ver e jamais irá conhecer ainda estão presentes nas coisas descartadas, dispersas em suas casas vazias.

O trabalho se chama remover o lixo e ele pertence a uma equipe de quatro homens empregados pela Imobiliária Dunbar,

a qual subcontrata seus serviços de “preservação do lar” para os bancos locais que agora detêm a propriedade dos imóveis em questão. As extensas planícies do sul da Flórida estão repletas dessas estruturas órfãs e, como o interesse dos bancos é revendê-las o mais depressa possível, as casas vagas têm de ser limpas, consertadas e preparadas para então serem apresentadas aos possíveis compradores. Num mundo que desmorona, num mundo de ruína econômica e de agruras implacáveis e cada vez maiores, remover o lixo é um dos poucos negócios prósperos no setor. Não há dúvida de que ele teve muita sorte de ter encontrado esse trabalho. Não sabe quanto tempo mais ele poderá suportá-lo, mas o pagamento é decente e, numa terra onde os empregos estão cada vez mais raros, qualquer emprego é melhor do que nada.

No início, ficou espantado com a bagunça, a imundície e o desleixo. Rara é a casa que tenha sido deixada em sua condição original por seus antigos donos. Na maioria das vezes, houve uma erupção de raiva e violência, um furor de despedida, um surto de vandalismo arbitrário — desde as torneiras abertas nas pias e nas banheiras, onde a água transborda, até paredes afundadas a golpes de marreta, ou cobertas com pichações obscenas, ou marcadas por furos de bala, para não falar dos canos de cobre arrancados, dos tapetes com manchas de cloro, dos montes de excremento depositados no chão da sala. Esses são, talvez, exemplos extremos, atos impulsivos provocados pela raiva dos expropriados, manifestações de desespero repulsivas, porém compreensíveis, e no entanto, ainda que nem sempre se veja dominado pela repulsa quando entra numa casa, ele nunca abre a porta sem um sentimento de apreensão. Invariavelmente, a primeira coisa que tem de enfrentar é o cheiro, a arremetida de um ar azedo que invade suas narinas, os aromas ubíquos, mesclados, de mofo, leite rançoso, palhas bolorentas da caminha de um gato,

vasos sanitários com crostas de imundície e comida podre na bancada da pia da cozinha. Nem mesmo o ar fresco que se derrama pelas janelas abertas é capaz de varrer os cheiros. Nem mesmo a mais meticulosa e circunspecta faxina consegue apagar o fedor de derrota.

E depois há sempre os objetos, os pertences esquecidos, *as coisas abandonadas*. Nessa altura, o número de suas fotografias já alcança a casa dos milhares e, no seu arquivo copioso, é possível encontrar fotos de livros, sapatos e pinturas a óleo, pianos e torradeiras, bonecas, aparelhos de chá e meias sujas, televisores e jogos de tabuleiro, vestidos de baile e raquetes de tênis, sofás, lingerie de seda, pistolas para calafetar fissuras, percevejos, bonequinhos de plástico de heróis infantis, batons, fuzis, colchões desbotados, facas e garfos, fichas de pôquer, uma coleção de selos e um canarinho morto no fundo de uma gaiola. Ele não tem a menor ideia do motivo por que se sente compelido a tirar essas fotos. Compreende que é uma busca vã, sem nenhum possível benefício para ninguém, e mesmo assim toda vez que entra numa casa sente que as coisas chamam por ele, falam com ele nas vozes das pessoas que não estão mais ali, pedem a ele para serem olhadas pela última vez, antes de serem descartadas. Os demais membros da equipe acham graça em sua atividade fotográfica obsessiva, mas ele não lhes dá nenhuma atenção. Em sua opinião, não devem ser levados em grande conta e ele os despreza a todos. Vitor Cérebro-Morto, o chefe da equipe; o gago e tagarela Paco; e o gordo e ofegante Freddy — os três mosqueteiros do juízo final. A lei diz que todos os objetos aproveitáveis acima de um determinado valor devem ser entregues ao banco, o qual é obrigado a devolvê-los a seus donos, mas seus colegas de trabalho apanham tudo o que lhes interessa e nunca pensam duas vezes. Acham que ele é um tolo por dar as costas para aqueles despojos — as garrafas de uísque, os aparelhos de rádio, os

tocadores de CD, os equipamentos de arco e flecha, as revistas pornográficas — mas tudo o que ele quer são suas fotografias — não coisas, mas as fotos das coisas. Já faz algum tempo que ele adotou a regra de falar o mínimo possível quando está trabalhando. Paco e Freddy passaram a chamá-lo de El Mudo.

Ele tem vinte e oito anos e, até onde sabe, não tem ambições. Pelo menos, nenhuma ambição fervorosa, nenhuma ideia clara do que acarretaria para ele construir um futuro plausível. Sabe que não vai ficar na Flórida por muito tempo, que está chegando a hora em que vai sentir a necessidade de se mudar outra vez, mas, até que essa necessidade se transforme em precisão de agir, está contente de permanecer no presente e não pensar no dia seguinte. Se ele alcançou alguma coisa desde que largou a faculdade e foi à luta para viver por conta própria, foi essa capacidade de viver no presente, de se confinar no aqui e no agora, e embora possa não ser a realização mais louvável que se possa imaginar, exigiu dele uma disciplina e um autocontrole consideráveis. Não ter planos, o que significa não ter aspirações nem esperanças, estar satisfeito com seu quinhão, aceitar o que o mundo lhe concede no intervalo entre um nascer do sol e outro — para viver desse jeito, é preciso querer muito pouco, o mínimo humanamente possível.

Passo a passo, ele foi aparando os desejos até chegar àquilo que agora se aproxima do puro mínimo. Parou de fumar e de beber, não come em restaurantes, não possui televisor, rádio nem computador. Gostaria de trocar seu carro por uma bicicleta, mas não pode se livrar do carro, pois as distâncias que tem de atravessar para trabalhar são grandes demais. O mesmo se aplica ao telefone celular que leva no bolso e que gostaria imensamente de jogar no lixo, mas também precisa do celular para o trabalho e portanto sem chance de ficar sem ele. A câmera digital era uma concessão, talvez, mas, em vista da desolação e da canseira da

interminável rotina do trabalho de remover o lixo, ele tem a sensação de que a máquina fotográfica está salvando sua vida. Seu aluguel é baixo, pois mora num apartamento pequeno, num bairro pobre, e, além de gastar dinheiro com as necessidades elementares, o único luxo que se permite é comprar livros, livros de capa mole, em geral romances, romances americanos, romances ingleses, romances estrangeiros traduzidos, mas no fim os livros acabam sendo menos um luxo do que uma necessidade, e ler é um vício do qual não tem a menor vontade de se curar.

Se não fosse pela garota, na certa iria embora antes do final do mês. Economizou dinheiro bastante para ir aonde quiser e nem se discute que sua dose de sol da Flórida já está de bom tamanho — aquele sol que, depois de muito estudo, ele agora acredita que faz mais mal do que bem à alma. É um sol maquiavélico, em sua opinião, um sol hipócrita, e a luz que gera não ilumina as coisas, mas as obscurece — nos cega com seus esplendores constantes, luminosos demais, que nos esmagam com suas rajadas de umidade vaporosa, nos desestabilizam com seus reflexos semelhantes a miragens e com suas trêmulas ondulações de nada. Todo ele é brilho e deslumbramento, mas não oferece nenhuma substância, nenhuma tranquilidade, nenhum alívio. No entanto foi debaixo desse sol que viu a garota pela primeira vez e, como não consegue se convencer a desistir dela, continua a viver com o sol e tenta fazer as pazes com ele.

O nome da garota é Pilar Sanchez e ele a conheceu seis meses atrás, num parque público, um encontro puramente acidental no final de uma tarde de sábado no meio de maio, o mais improvável dos encontros improváveis. Estava sentada na grama, lendo um livro, e a menos de três metros ele também estava sentado na grama lendo um livro, que aconteceu de ser o mesmo livro que ela estava lendo, o mesmo livro numa edição idêntica, de capa mole, *O grande Gatsby*, que ele estava lendo pela ter-

ceira vez desde que o pai lhe dera de presente no seu aniversário de dezesseis anos. Estava sentado ali havia uns vinte ou trinta minutos, dentro do livro e portanto isolado por paredes de tudo aquilo que o rodeava, quando ouviu alguém dar uma risada. Virou-se e, naquele primeiro e fatal relance que teve da garota, ali sentada sorrindo para ele e apontando para o título do livro que ela mesma segurava na mão, ele imaginou que a garota tinha menos de dezesseis, apenas uma menina, de fato, uma adolescente pequena, de short apertado com a bainha cortada, sandálias e um top escasso amarrado nas costas, as mesmas roupas usadas por todas as garotas mais ou menos atraentes em todas as regiões ao sul da Flórida quente e ensolarada. Nada mais do que uma criança, disse para si mesmo, e no entanto lá estava ela com seus braços e pernas lisos e descobertos, e o rosto alerta e sorridente, e ele que raramente sorri para alguém ou para alguma coisa olhou dentro dos olhos animados e escuros da garota e sorriu de volta para ela.

Seis meses depois, ela ainda é menor de idade. Sua carteira de motorista diz que tem dezessete anos, que só vai completar dezoito em maio, e portanto ele deve agir com cuidado com ela quando estiver em público, evitar a todo custo fazer qualquer coisa que possa despertar suspeitas dos lascivos, pois um simples telefonema para a polícia dado por algum bisbilhoteiro nervosinho poderia facilmente metê-lo na cadeia. Toda manhã que não for a manhã de um fim de semana ou de um feriado, ele a leva de carro até o colégio John F. Kennedy, onde ela cursa a última série e tem boas notas, aspira a fazer uma faculdade e no futuro ser uma enfermeira diplomada, mas ele não deixa a garota na frente do prédio. Seria perigoso demais. Algum professor ou funcionário do colégio poderia vê-los de relance juntos dentro do carro e dar o alarme, por isso ele encosta o carro uns três ou quatro quarteirões antes de chegarem ao colégio Kennedy e deixa a

garota descer do carro. Ele não lhe dá um beijo de despedida. Não toca na garota. Ela fica triste com a prudência dele, pois na mente da garota ela já é plenamente adulta, mas aceita aquela indiferença fingida porque ele disse que deve aceitar.

Os pais de Pilar morreram num acidente de carro dois anos antes e, até se mudar para o apartamento dele depois do término do ano letivo, em julho, ela morava com as três irmãs mais velhas na casa da família. Maria, de vinte anos, Teresa, de vinte e três, e Angela, de vinte e cinco. Maria está matriculada numa faculdade comunitária e estuda para ser esteticista. Teresa trabalha como caixa num banco local. Angela, a mais bonita de todas, é recepcionista num bar de hotel. Segundo Pilar, às vezes Angela dorme com os clientes por dinheiro. Pilar se apressa em acrescentar que adora Angela, e que adora todas as suas irmãs, mas está contente por ter deixado aquela casa que está cheia demais de lembranças da mãe e do pai, e além disso não é capaz de se conter, porém fica zangada com Angela por fazer o que faz, acha que é um pecado uma mulher vender o corpo e é um alívio não ter mais de ficar discutindo com a irmã por causa disso. Sim, diz Pilar para ele, o lugar onde ele mora é um apartamentozinho de nada, bastante ordinário, a casa é muito maior e mais confortável, mas o apartamento não tem o Carlos Junior, de dezoito meses, e isso também é um alívio enorme. O filho de Teresa não é uma criança ruim, comparado a outras crianças, é claro, e além do mais o que Teresa pode fazer com o marido nas tropas estacionadas no Iraque e com as longas horas que ela tem de passar trabalhando no banco, mas isso também não dá a Teresa o direito de empurrar para os ombros da irmã caçula a tarefa de bancar a babá de seu filho, dia sim, dia não, de segunda a sexta-feira. Pilar queria ser uma garota legal, mas não pode deixar de se sentir prejudicada. Precisa de tempo para ficar sozinha e para estudar, quer ser alguma coisa na vida, e como pode fazer isso se fica o

tempo todo ocupada trocando fraldas sujas? Os bebês são legais para os outros, mas ela não quer ter nada a ver com o assunto. Muito obrigada, diz ela, mas não quero.

Ele fica encantado com o espírito e a inteligência de Pilar. Já no primeiro dia, quando os dois estavam sentados no parque conversando sobre *O grande Gatsby*, ele ficou impressionado por ela estar lendo o livro por conta própria e não porque um professor tivesse mandado, e depois, à medida que a conversa prosseguia, ficou duplamente impressionado quando ela começou a argumentar que o personagem mais importante do livro não era Daisy, nem Tom, nem mesmo o próprio Gatsby, mas sim Nick Carraway. Pediu a ela que explicasse. É porque é ele quem conta a história, disse Pilar. Ele é o único personagem que tem os pés no chão, o único personagem capaz de olhar para fora de si mesmo. Todos os outros são pessoas perdidas e rasas, e sem a compaixão e a compreensão de Nick, não seríamos capazes de sentir nada por eles. O livro depende de Nick. Se a história fosse contada por um narrador onisciente, o resultado não seria nem a metade do que é.

Narrador onisciente. Ela sabe o que a expressão significa, assim como compreende o que é falar sobre *suspensão da descrença*, *biogênese*, *antilogarítmos* e *Brown contra o Conselho de Educação*.* Como é possível, se pergunta ele, uma garota feito Pilar Sanchez, cujo pai cubano trabalhou como carteiro a vida toda, cujas três irmãs mais velhas chafurdam satisfeitas num pantano de insípidas rotinas diárias, como pode ela ter se tornado uma pessoa tão diferente do resto da família? Pilar quer saber coisas, tem planos, dá duro, e ele fica mais do que feliz por incentivá-la, por fazer tudo o que pode para ajudar seus progressos na educação. Desde o dia em que saiu de casa e foi morar com ele,

* Trata-se de um julgamento célebre da Suprema Corte dos Estados Unidos, de 1954, que envolvia a adoção de normas racistas no ensino. (N.T.)

ele tem treinado com ela as melhores estratégias para conseguir uma boa pontuação nos SATs, ele avalia todas as tarefas de casa dela, ensinou-lhe os rudimentos do cálculo infinitesimal (que seu colégio não oferece) e leu em voz alta para ela dúzias de romances, contos e poemas. Ele, o jovem sem ambições que largou a faculdade e desdenhou os luxos da vida privilegiada que teve no passado, assumiu a tarefa de se tornar ambicioso em benefício de Pilar, de empurrá-la para a frente, até onde ela estiver disposta a ir. A prioridade é a faculdade, uma boa faculdade com bolsa de estudos integral, e, uma vez que ela estiver dentro da faculdade, ele acha que o resto vai andar sozinho. No momento, ela sonha tornar-se enfermeira diplomada, porém mais cedo ou mais tarde a situação vai mudar, ele tem certeza disso, e está plenamente confiante de que ela está apta a entrar um dia numa faculdade de medicina e tornar-se médica.

Foi ela que sugeriu morar com ele. Nunca teria passado pela cabeça dele propor um plano tão audacioso, mas Pilar estava resolvida, ao mesmo tempo movida pelo desejo de fugir e fascinada com a perspectiva de dormir com ele todas as noites, e depois que ela suplicou que ele fosse falar com Angela, a principal fonte do sustento do clã e, portanto, a pessoa que tinha a última palavra a respeito de todas as decisões da família, ele se encontrou com a mais velha das garotas Sanchez e conseguiu convencê-la. De início ela se mostrou relutante, alegou que Pilar era jovem e inexperiente demais para pensar em dar um passo tão sério. Sim, ela sabia que a irmã estava apaixonada por ele, mas não aprovava aquele amor por causa da diferença de idade, o que significava que mais cedo ou mais tarde ele acabaria se enchendo do seu brinquedinho adolescente, iria embora e a deixaria para trás com o coração partido. Ele respondeu que provavelmente tudo iria terminar da maneira contrária, ele é que seria abandonado e ficaria com o coração partido. Então, deixando de lado todo aquele papo

sobre coração e sentimentos, apresentou sua defesa em termos puramente práticos. Pilar não tinha emprego, disse ele, era um peso nas finanças da família e ele estava em condições de sustentá-la e retirar aquele fardo das mãos delas. Não era como se estivesse raptando Pilar e indo com ela para a China, afinal. A casa delas ficava só a quinze minutos a pé do apartamento dele e as irmãs poderiam ver Pilar sempre que quisessem. Para fechar o negócio, ele ofereceu presentes para elas, todas as coisas que morriam de vontade de ter, mas que não podiam comprar porque viviam duras. Para espanto e prazer sarcástico dos três palhaços no seu trabalho, ele inverteu temporariamente sua postura quanto às regras de etiqueta no serviço de remover o lixo e, durante a semana seguinte, sarrupiu tranquilamente um televisor de tela plana quase novinho em folha, uma cafeteira elétrica top de linha, um triciclo vermelho, trinta e seis filmes (inclusive uma caixa de colecionador com todos os filmes da série *O poderoso chefão*), um espelho de maquiagem profissional e um jogo de taças de vinho de cristal, que prontamente ofereceu a Angela e suas irmãs como expressão de sua gratidão. Noutras palavras, Pilar agora mora com ele porque ele subornou a família. Ele a comprou.

Sim, Pilar está apaixonada por ele, e sim, apesar de seus escrúpulos e hesitações íntimas, ele também a ama, por mais improvável que isso possa parecer a ele. Deve ficar registrado que ele não é um sujeito que tem fixação especial por garotas novas. Até agora, todas as mulheres em sua vida foram mais ou menos de sua idade. Portanto Pilar não representa a encarnação de algum tipo feminino ideal para ele — é meramente ela mesma, um pequeno lance de sorte com que ele esbarrou numa tarde num parque público, uma exceção a todas as regras. Tampouco ele consegue explicar para si mesmo por que está atraído por ela. Admira a inteligência de Pilar, sim, mas decididamente isso é de reduzida importância, porque ele já admirou a inteli-

gência de outras mulheres antes dela, sem sentir a menor atração. Acha Pilar bonita, mas não excepcionalmente bonita, não linda, de nenhuma forma objetiva (embora também fosse possível argumentar que qualquer menina de dezessete anos é linda, pela simples razão de que toda juventude é linda). Mas não importa. Ele não ficou apaixonado por ela por causa de seu corpo nem por causa de sua mente. O que é, então? O que o prende aqui, quando tudo o mais lhe diz que devia ir embora? Talvez seja por causa da maneira como Pilar olha para ele, da ferocidade de seu olhar, da força extasiada em seus olhos quando ela o escuta falar, por causa da sensação de que ela está inteiramente presente quando os dois estão juntos, de que ele é a única pessoa que existe para ela na face da Terra.

Às vezes, quando ele pega sua câmera fotográfica e mostra para Pilar suas fotos das coisas abandonadas, os olhos dela se enchem de lágrimas. Há nela um lado delicado, sentimental, que é quase cômico, ele acha, e no entanto se sente comovido com essa brandura, essa vulnerabilidade diante do sofrimento dos outros, e como ela também pode ser muito firme, eloquente e risonha, ele nunca é capaz de prever qual é a parte dela que vai irromper num determinado momento. Isso pode ser meio irritante a curto prazo, mas a longo prazo ele sente que é uma coisa ótima. Ele, que negou tantas coisas para si mesmo nos últimos anos, que foi tão implacável em suas abnegações, que aprendeu a controlar os nervos com rigor e a vagar à deriva pelo mundo com um distanciamento frio e obstinado, voltou lentamente à vida em face dos excessos emocionais de Pilar, de sua capacidade de se inflamar, de suas lágrimas sentimentaloides quando diante da imagem de um ursinho de pelúcia abandonado, de uma bicicleta quebrada ou de um vaso de flores murchas.

Na primeira vez em que foram para a cama juntos, ela garantiu que não era mais virgem. Ele tomou as palavras ao pé da le-

tra, mas, quando chegou a hora agá de entrar nela, Pilar empurrou-o para trás e disse que não devia fazer aquilo. O *buraco da mamãe* estava interditado, disse ela, absolutamente proibido para membros de homens. Línguas e dedos eram aceitáveis, mas não os membros, sob nenhuma condição e em nenhum momento: nunca. Ele não tinha a menor ideia do que ela estava falando. Estava usando camisinha, não estava? Eles estavam protegidos e não havia nenhuma necessidade de se preocupar com nada. Ah, disse ela, mas é aí que ele estava enganado. Teresa e o marido sempre haviam acreditado em camisinhas também e olhe só o que aconteceu com eles. Nada metia mais medo em Pilar do que a ideia de ficar grávida e jamais poria seu destino em risco acreditando numa daquelas borrachinhas marotas. Ela preferia cortar os pulsos ou pular do alto de uma ponte a ficar grávida. Ele estava entendendo? Sim, ele entendia, mas qual era a alternativa? O *buraco dos fundos*, ela respondeu. Angela havia lhe contado a respeito, e ele tinha de admitir que, de um ponto de vista estritamente biológico e médico, era a única forma de controle de natalidade absolutamente segura no mundo.

Havia seis meses que ele obedecia aos desejos dela, restringia todas as penetrações do membro ao seu buraco dos fundos e não colocava nada mais do que a língua e os dedos em seu buraco da mamãe. Tais eram as anomalias e as idiossincrasias da vida amorosa deles, a qual no entanto é uma vida amorosa rica, uma esplêndida parceria erótica, que não dá nenhum sinal de que vá se enfraquecer num futuro próximo. No fim, é essa cumplicidade sexual que o amarra a ela e o prende à quente terra de ninguém de casas arruinadas e vazias. Ele está enfeitiçado pela pele de Pilar. É um prisioneiro de sua ardente boca jovem. Está em casa no corpo dela e, se algum dia reunir coragem para ir embora, sabe que vai se arrepender até o fim da vida.